

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ...

ORGÃO DA UNIÃO CATHOLICA
EM PORTUGAL

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

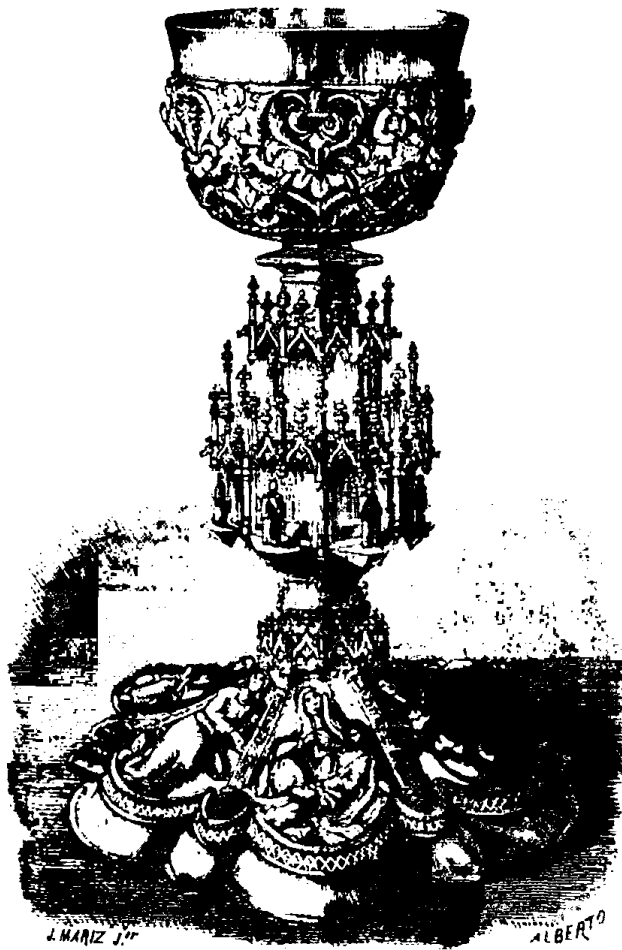
AD PHILIP. 3. 12.

id. 13, 14.

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

Summario

OUTRO ANNO, pelo Padre Senna Freitas. — **SECÇÃO RELIGIOSA:** *A Voz da Egreja—Carta Encyclica do Nosso Santissimo Padre Leão XIII; Progresso, I,* pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *Os exercicios espirituas do Clero Angrense* (continuação), por S. P. — **SECÇÃO SCIENTIFICA:** *O artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do Sr. Julio Ferry* (continuação), pelo Padre Felix. — **SECÇÃO HISTORICA:** *Funestissimo fim dos perseguidores e inimigos da Egreja, desde Herodes até nossos dias.* — **SECÇÃO CRITICA:** *Coisas! Coisas!*, por um leitor de gazetas. — **SECÇÃO LITTERARIA:** *A prece do Ancião* (poesia), por A. Moreira Bello; *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo* (continuação) V. do P. Lima. — **SECÇÃO ARTISTICA:** *A architectura ogival e o ideal christão*, pelo Padre F. Sanches. — **SECÇÃO ILLUSTRADA:** *Calix do seculo XVI pertencente á Sé de Coimbra*, por R. — **RETROSPECTO DA QUINZEANA,** por J. de Freitas. — *Boletim do monumento a Pio IX, o Grande*, por Teixeira de Freitas.



Calix do seculo XVI pertencente á Sé de Coimbra

GUIMARÃES 30 DE OUTUBRO DE 1882

OUTRO ANNO

MAIS um marco milliário inscripto, mais um anno de faina concluido, mais uma vez desapertamos o arnez de soldados da imprensa para resfolegar um pouco e lançar um olhar retrospectivo para a arena percorrida.

Encetamos o quinto anno da publicação d'esta revista. Não nos sentimos fatigados por ora. Não passamos a outra sentinella a palavra d'orden, porque estamos resolutos a permanecer de guarda nos arraiaes do catholicismo. Cons-

criptos voluntarios da imprensa, não arredamos pé do posto em que nos collocaram as nossas convicções e os nossos brios de catholicos.

Por Deus e pela sua Igreja! A magnitude da nossa causa, a santidade do nosso lemma retempera-nos o alento, porque a bandeira que hasteámos é de amor e não de odio, não esconde intenções perdidas nem sordidos fins nas suas prégas. O lemma que n'ella se lê convida ao progresso, mas ao progresso pelo christianismo, ao progresso pacifico e legitimo que não arrega de sangue os municipios, que não aspira ao arrazamento sob pretexto de edificar. O nosso lemma convida á união geral e não ás agrupacões parciaes, instiga todos os christãos a uma solidariedade effectiva e corajosa em prol da religião, mas não aquila as massas ás sublevacões facciosas.

Somos soldados da Igreja, que não guerrilhas da revolução, a nossa espada é a cruz: detestamos a arma curta dos demagogos. Eis porque dissemos que a nossa causa era grande e sagrada, eis porque n'ella encontramos a coragem do futuro e as consolações do passado. Sim, porque o nosso futuro tenta-nos a entrar de novo no estadio, e o nosso passado sorri-nos, como a grata reminiscência de um programma cumprido á risca.

Não trepidamos de fazer perante o publico o nosso exame de consciencia. Não é que a vaidade, a mesquinha vaidade nos seduza um instante. Podemos dar desassombradamente testemunho da nossa boa vontade, mas de pouco mais. Quizeramos poder, e infelizmente só podemos querer. Estamos e estaremos longe da

meta, reconhecemo-nos baldos das aptidões eminentes e dos recursos poderosos que nos serviriam de alavanca para elevar o *Progresso Catholico* a toda a altura das nossas alevantadas aspirações jornalísticas.

Ainda assim, embora ficássemos áquem do nosso ideal, e embora talvez ladeássemos na estrada que a nós mesmos traçamos, julgamos não nos termos afastado até agora do programma com que encetamos o nosso numero inicial.

Abstrahindo sempre e systematicamente das opiniões politicas de cada um para sermos escrupulosamente fieis á neutralidade que promettemos guardar a este respeito e ao firme e inabalavel proposito de não fazermos d'esta revista orgão de politica alguma, a religião, a sciencia, a litteratura, a arte, mas sobretudo a religião tem sido o objectivo constante a que teem apontado os nossos artigos de doutrina ou de polemica, os sentimentos unicos que nos teem feito pulsar o coração e vibrar entre os dedos a nossa penna de jornalista.

A questão magna, a questão vital que se está debatendo nas sociedades contemporaneas com um fervor sobrehumano da parte dos homens do bem e com uma energia satanica da parte dos maus, não é a questão politica, é a questão religiosa, na qual vão virtualmente e positivamente envolvidas todas as questões, a começar pela politica. Por isso temos apostolisado a *União*, e não nos cançaremos nunca de o fazer. Enxameemos. Quem não fôr contra nós, será por nós. Façamos primeiro addictos da unica religião e da unica Igreja verdadeira, mas addictos sinceros e coherentes, e depois esses amigos da Igreja saberão comprehender sem custo qual a forma politica que mais favoneia os interesses religiosos.

A União catholica é a solução do problema nacional, a resposta unica e cabal á tremenda interrogação formulada pelo espectaculo profundo e complexamente sinistro do nosso paiz.

A União catholica é o trem expresso do progresso religioso de Portugal. Renunciar a ella ou combatel-a é assignar o *statu quo* da inercia, é preferir á locomotiva de Stephenson o fossil carroção de provincia, é travar o eixo principal do movimento catholico para *acellular-o*.

Se por vezes nos foi preciso verberar fortemente as calumnias dos Voltaires de pé pequeno, as perfidias dos Machiaveis de tamanho reduzido, as infamias de responsabilidade limitada, lançamos, não o negamos, algumas gottas de acido corrosivo na nossa tinta, mas nunca molhamos na lama os bicos da penna. Essa linguagem sobreposse de afreguezados de tasca encontra em nós a mesma repugnancia em lê-la que em empregal-a.

Não temos permanecido estacionários. Dobramos o numero de paginas d'esta revista, melhoramos-lhe as condições typographicas, augmentamos os seus colaboradores, abrimos n'ella novas secções, tornamol-a *illustrada*, sem todavia altear o seu preço. Impossivel nos seria realisar estes importantes melhoramentos sem a coadjuvação efficaz dos nossos assignantes, que nos não teem abandonado, e particularmente d'aquelles que com tão afanosa sollicitude nos grangearam numerosos assignantes para custear as despezas de uma publicação d'esta ordem. D'esses bravos cooperadores esperamos a continuação do mesmo auxilio para effectuarmos ainda outros melhoramentos, já que o *Progresso Catholico* protestou ser de facto o que é de nome. D'aqui dos umbraes do seu quinto anno enviamos a todos os nossos assignantes e em especial aos ultimos a expressão do nosso vivo reconhecimento.

Feitas assim as nossas cortezanias de cavalheiros, eis-nos a postos e de armas puidas.

Nós que fallamos a Deus de joelhos, vimos fallar aos homens de pé e de frente alta. Perante a dignidade sacerdotal do nosso mandato de jornalistas catholicos sentimo-nos pequenos e curvamo-nos, a pezar nosso, sob o pezo que nos opprime. Comtudo buscaremos continuar a desempenhar-nos, como até agora, do nosso dever. Porem perante a imprensa sem dignidade nem nobreza, que vilipendeia as crenças do povo portuguez e ousa ejaacular o vomito negro do insulto e do aleive sobre os principes da Igreja e sobre o respeitavel partido de septe milhões de catholicos e de compatriotas, sentimo-nos grandes e alçamo-nos perante ella com todo o aprumo da nossa dignidade para lhe dizer que a não tememos, e que lhe não daremos quartel senão para votal-a ao desprezo do que é essencialmente desprezivel, depois de a ter chamado pelo seu nome.

Lisboa, setembro de 82.

P.º SENNA FREITAS.

Secção Religiosa

A VOZ DA EGREJA

CARTA ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTISSIMO PADRE LEÃO XIII

A todos os nossos veneraveis irmãos patriarchas, primazes, arcebispos e bispos do orbe catholico, em graça e communhão com a sé apostolica

LEAO XIII, PAPA

Veneraveis Irmãos: Saude e Benção Apostolica.

POR ditosa mercê, o povo christão celebra em breve intervallo a recordação de dois homens que, cha-

madados a gosar no Céu das eternas recompensas, deixaram sobre a terra uma gloriosa phalange de discipulos, como vergonteas que sem cessar renascem de suas virtudes, porque depois das festas seculares em memoria de Benito, o pae e legislador dos monges no Occidente vae offerecer-se ensejo de tributar honras publicas a Francisco d'Assis pelo setimo centenario do seu nascimento.

Não sem razão vemos Nós n'isto um designio misericordioso da divina Providencia, porque permittindo celebrar o dia do nascimento d'estes illustres Padres, parece que Deus quer advertir aos homens que devem recordar seus insignes merecimentos e comprehender ao mesmo tempo que as ordens religiosas fundadas por elles não devem ser tão indignamente violadas, sobretudo n'aquellas nações em que por seu trabalho, seu genio e seu zelo semcaram a civilisação e a gloria.

Nós confiamos em que estas solemnidades não serão infructiferas para o povo christão, que sempre e com justiça tem considerado como amigos os religiosos, pelo que, assim como tem honrado o nome de Benito com amor e gratidão, fará reviver por meio de festas publicas e testemunhos d' affecto a memoria de Francisco. E esta nobre emolação de piedade filial e devota não se limita á comarca em que nasceu o santo homem nem ás que honrou com a sua presença, pois que se estende a todas as partes da terra, a todos os lugares onde o nome de Francisco chegou e em que florescem suas instituições.

Certamente que Nós, mais que ninguém, approvamos esta vehemencia das almas para tão excellente fim, sobretudo estando acostumado desde a infancia a ter por Francisco admiração e devoção especiaes. E Nós gloriamo-Nos de ter sido inscripto na familia franciscana, e por mais d'uma vez temos subido por piedade, espontaneamente e com alegria, ás sagradas colinas do Alverno: n'aquelle logar, a imagem d'este grande homem se offerecia a Nós por todas as partes onde punhamos os pés, e aquella solidão, cheia de recordações, tinha o nosso espirito embebido em muda contemplação.

Mas, por louvavel que seja este zelo, não consiste n'elle tudo, por que é mister pensar que serão agradaveis a Francisco essas honras, que se prepararam, se aproveitarem aos mesmos que as tributam.

O fructo real e duradouro consiste em assemelhar-se d'algum modo á sua eminente virtude e em procurar ser melhor, imitando-o. Se com a ajuda de Deus se trabalhar para isso com ardor, se encontrará o remedio opportuno e efficaz para os males presentes. Nós

queremos, pois, veneraveis irmãos, não só testemunhar por meio d'esta carta nossa devoção a Francisco, mas também excitar vossa caridade para que trabalheis com No-so na salvação dos homens empregando o remedio que Nós vos indicamos.

O salvador do genero humano, Jesus Christo, é a fonte eterna e immutavel de todos os bens que para Nós procedem da infinita bondade de Deus: de modo que aquelle que salvou uma vez o mundo é também o que o salvará em todos os seculos: porque não houve em todo o mundo que tenha sido dado aos homens pelo qual possamos salvar-nos (Art. IV. 12.) Se, pois, succeder que, por um vicio da natureza ou por falta dos homens o genero humano cahir no mal, parecendo necessario para o levantar um especial socorro, é mister absolutamente recorrer a Jesus Christo e ver n'Elle o maior e mais seguro meio de salvação, porque sua divina virtude é tanta e tão poderosa que contem ao mesmo tempo um abrigo contra os perigos e um remedio contra os males.

A cura é certa, se o genero humano tornar a professar a sabedoria christã e as regras da vida do Evangelho. Quando occorrem males como estes de que Nós fallamos, offerece Deus ao mesmo tempo um socorro providencial, suscitando um homem, não escolhido ao acaso entre os outros, mas eminente e unico, a quem encarrega de procurar o restabelecimento da salvação publica. E isto foi o que succedeu nos fins do seculo XII, e pouco mais tarde Francisco foi o obreiro d'esta grande obra.

E' bem conhecida esta epoca com sua mescla de vicios e virtudes. A fé catholica estava então mais profundamente arreigada nas almas: offerecia também um esplendido espectáculo aquella multidão inflammada de piedoso zelo que ia á Palestina para vencer ou morrer n'ella; porém a libertinagem havia alterado muito os costumes dos povos e era de todo o ponto necessario que os homens voltassem aos sentimentos christãos. Consiste a perfeita virtude christã n'essa generosa disposição da alma que procura as coisas arduas e difíceis: tem seu symbolo na Cruz, symbolo que todos que desejam servir a Jesus Christo devem levar sobre si: O fim da dita disposição é o apartamento das coisas mortaes, dominar-se completamente e soffrer a adversidade com calma e resignação. Emfim, o amor de Deus é senhor e soberano de todas as virtudes para com o proximo; seu poder é tal, que faz desaparecer quantas difficuldades se antepõem ao cumprimento do dever, e não só faz tolleraveis, mas até agradaveis, os mais duros trabalhos.

(Continúa).

PROGRESSO

O pensamento do progresso não é um pensamento pagão. É com o Evangelho que se vê começar a doutrina do progresso.

FREDERICO OZANAN.

Historia da civilização no V seculo.

I

QUE é o progresso? Falla-se hoje tanto em progresso, e muita gente ignora o que isto significa. Esta palavra não é nova na lingua portugueza; nem nas outras linguas, apesar de que em outros tempos não apparecia tão frequentemente em letra redonda. Mas havia a cousa significada por ella, porque sempre houve progresso.

O hespanhol diz *progreso*, o francez *progrès*, o italiano *progresso*, e os latinos tinham os vocabulos *progressus* e *progressio*, que em vulgar querem dizer *progresso*.

Como se vê, na lingua latina esta palavra pôde ser de genero masculino ou feminino; mas nas linguas portugueza, franceza, italiana e hespanhola é do genero masculino. Macho ou femêa, significa a mesma cousa.

Tambem temos o verbo *progredir*, e os latinos tinham *progredior*, que vemos hoje gravado na frente do Palacio de Crystal, no Porto.

Mas que é o progresso? Em significação propria é o *acto de caminhar para diante, avançar*. Em significação moral é o *melhoramento, adeantamento, ou desenvolvimento* em qualquer objecto.

Exemplifiquemos esta definição.

Caminha um homem do Porto para Braga, por exemplo; vae dando passos para esta cidade, alongando-se do ponto d'onde partiu: dizemos que elle faz progressos na jornada. Se em lugar de caminhar estiver parado, ou se andar tanto quanto retroceder, não ha progresso, e temos o que se chama um homem estacionario ou retrogrado.

Um estudante frequenta as aulas, applicando-se com zelo á grammatica, á philosophia, á rhetorica e a outras sciencias, e vae cada dia adquirindo novos conhecimentos, desenvolvendo o seu espirito: dizemos que faz progressos nos estudos.

Um menino principiou hontem a engatinhar; hoje firma-se nos pés e calhe logo; amanhã dá alguns passos mal seguros, cambaleando a cada esforço que faz; depois entra a correr que é um gesto vel-o; afinal move-se com facilidade: dizemos que faz progressos no andar.

O mesmo menino apenas emite alguns sons inarticulados; começa a balbuciar algumas palavras, até que se exprime como um papagaio: dizemos que faz progressos no fallar.

Uma arvore nasce; vae crescendo; lança ramos, flores e fructos: também a arvore tem o seu progresso.

Desponta a aurora no horizonte; vae crescendo; nasce o sol e se levanta a pouco e pouco; fica o mundo em plena luz: é o progresso do dia.

Um artista abre os alicerces para construir uma casa; lança pedra que vae cimentando com argamassa; continua a collocar pedras, e o edificio cada vez mais se ergue aos ares: é visivel o seu progresso.

Rebenta uma fonte que no seu curso vae engrossando; recebe as aguas de varios affluentes; cresce prodigiosamente, e torna-se um caudaloso rio, como vemos no Tejo cujas aguas, na sua origem, podem passar pela copa d'um chapéo: é o progresso do rio.

Assim no physico, no moral e no intellectual pôde haver progresso. No aperfeiçoamento dos costumes, das sciencias e das artes consiste o seu progresso. Se os costumes, as sciencias e as artes caminham e avançam, mas não se aperfeiçoam nem melhoram, não ha progresso verdadeiro, porque progredir é caminhar bem, e progresso é melhoramento.

Illa, com effeito, progresso para o bem, e progresso para o mal; mas este ultimo não é verdadeiro progresso, porque é o transtorno da ordem physica, moral e social, e o fim do homem não é o aniquillamento.

O progresso do mal não é cousa desejavel, e deve ser combatido com todas as forças, porque a sua ultima palavra é a destruição, a confusão e a desordem,

Apparecem alguns casos de epidemia. o cholera, por exemplo, que invade uma povoação; o flagello vae grassando; toma incremento, e cada dia progride mais; faz milhares de victimas; todos tremem só ao nome do inimigo, e receiam o seu progresso; empregam-se, pois, todas as diligencias e meios para debellar o mal, e fazer sustar o seu progresso.

Apparece em uma aldeia uma matilha de lobos, e procura atacar os seus habitantes; todos os dias progride; os povos armam-se, reúnem-se e fazem montaria aos lobos.

O medico combate o progresso da enfermidade; o agricultor, o progresso do bicho roedor das plantas; todos, o progresso do mal. Combate-se o progresso de um incendio, o progresso da torrente, o progresso de tudo o que pôde causar damno á vida, á fazenda e á honra, porque tal progresso redundaria em destruição, ruina e desordem.

Comtudo o progresso não é cousa nova no mundo; sempre o houve e ha de haver, porque é uma lei da humanidade.

Em todos os tempos o homem aspirou ao progresso, e hoje, que tanto se falla

em progresso e mais progresso, parece que nos querem fazer retrogradar aos tempos do obscurantismo, se existiram esses tempos no sentido em que o dizem.

Sempre se tractou de pensar melhor, escrever melhor, obrar melhor; e isto é progresso.

Um alfaiate faz um vestido; outro pretende fazel-o melhor; dá-lhe uma nova forma; aperfeiçoa-o; inventa outra moda: eis ali um progresso na costura.

Progressos na philosophia, na mathematica, na theologia, na astronomia, na medicina, na musica, na oratoria, na poesia, na historia, na architectura, na pintura, na esculptura, nas leis; progresso nos costumes, tornando-se mais puros, mais conformes á lei de Deus; e é este o verdadeiro progresso na ordem moral.

Mas que é o progresso moderno, tão fallado, apregoado e inculcado? Note-se a palavra *moderno*, porque significa que em outro tempo não houve tal cousa.

O catholicismo é inimigo do progresso, dizem os que tanto fallam em progresso, e que emphaticamente se chamam homens do *progresso* e da *idéia nova*.

Nunca o foi, nem é, nem ha de ser.

(Continúa).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Os exercicios espirituaes do Clero Augrense em 1882

(Continuação)

TANTO estas meditações, como as dos seguintes dias, exceptuando a primeira do dia 20, que foi extrahida d'outras do P.º Stub, Barnabita, foram tiradas das «meditações sacerdotaes do P.º Chaignon S. J. e lidas pelo zeloso e virtuosissimo R.º J. J. Armas do Amaral, mui digno director espiritual do Seminario Episcopal. Foram bellas todas ellas, porem o que na verdade lhes deu maior realce e força, foi a intimativa e verdadeira união, com que aquelle respeitavel sacerdote, resignado com a sua enfermidade, apoiado nas suas muletas, e contente com a vontade de Deus, as expôz, commovendo-se elle proprio, e chegando por vezes a commover tambem até ás lagrimas, os seus collegas, que escutando-o religiosamente, lhes parecia a espaços ouvir o Espirito Santo, acordando com a sua graça aos descuidados, inculcando com os seus dons o arrependimento aos peccadores, e confirmando com os seus auxilios os justos na preserverança da virtude e dos bons propositos.

Hebdomadariamente, isto é, durante aquelles seis dias, terminaram os santos exercicios das 2 para as 3 horas da

tarde, e despedindo-se então os bons Padres, se retiravam uns para as suas habitações na cidade, e outros para as cellas, que lhes estavam destinadas no proprio edificio do Seminario, onde benignamente S. Ex.ª R.ªª lhes havia offerecido hospedagem, da qual os sacerdotes e Parochos ruraes que a aproveitaram, se lembrarão sempre com saudade, e das remançosas horas de paz que ali passaram, entregues ao convívio da amizade e reciproca estima, á oração em commum, e áquella como que doce imagem do santo viver da Familia Regular d'outr'ora, a qual tanto, tanto, lhes estava rememorando ainda, aquelle mesmo ex-convento de Seraphim d'Assis, se hoje deserto dos seus bons Frades, ainda assim, mercê de Deus, ao presente frequentado e habitado por novos e esperançosos seminaristas.

Pelas 6 horas da tarde reuniam-se os retirados, e em commum resavam no côro as horas canonicas de Vesperas, completas e matinas, para de novo se juntarem no mesmo logar das 8 para as 9 horas da noite, onde depois de feita a oração nocturna, se dirigiam ao refeitório a tomar a collação necessaria, terminada a qual, se retiravam aos seus competentes quartos.

E tal foi este sempre o viver d'aquella Familia Ecclesiastica, nos Santos dias dos seus Exercicios Espirituaes.

No dia 18,—á hora previamente destinada,—havendo-se invocado o Espirito Santo, e entoado no côro horas menores, continuaram os Santos exercicios pela maneira seguinte:

S. Ex.ª R.ªª não obstante o estado precario da sua preciosa saude, que em traços visiveis se lhe revelava na bondosa physionomia, abriu a palestra d'este dia, no tom mais paternal e amoroso, com que um estremeado Pae se compraz em ver reunidos em volta de si os caros filhos do seu amor, dirigindo-se a todos com um fervor verdadeiramente Apostolico, para lhes recordar a «*gratidão que devemos a Deus, pela nossa criação e conservação.*» Exemplos, parabolae, e imagens, fluiam-lhe em caudal dos vennerandos labios. A espaços amenisava o seu despretencioso e desaffectedado discurrer com apropriadas anecdotas, enramalhadas de espirito e bom humor, e em períodos rigorosamente grammaticaes, ia lançando adrede a semente fecunda da verdadeira luz para o espirito e para o coração, tendo como que suspensos os seus ouvintes, os quaes, quando elle terminava, quasi sempre succumbindo ao cansasso, ainda todos enlevados aguardavam com ancia a continuação e sequencia da sua adoravel palestra.

Seguiu-se a primeira meditação que n'este dia versou sobre «a dignidade do sacerdote, considerada na sua missão, e no seu fim (em relação a Deus, á Igreja e aos homens),» e a qual foi attentamente escutada pelos Reverendos assistentes.

Após meia hora de descanso, teve logar a segunda meditação, que foi tambem sobre «a dignidade do sacerdote, mas considerada nos seus poderes, isto é, até onde estes se estendem, e até onde nos elevam.»

Seria uma hora da tarde quando o verbo eloquentissimo do Bispo de Clermont, o grande Massilon, pelo orgão do Rev.º Armas do Amaral, de novo se fez ouvir, intimando «a fugitiva do mundo,» como meio seguro de salvação propria e alheia. E concluíram n'este dia os exercicios com a Terceira meditação, que teve por objecto «a oração» estimulando-nos ao seu amor, e ao zelo de que nos devemos inspirar para a evangelisar aos outros na doutrina, e com o exemplo.

* * *

No dia 19, havendo-se rezado o officio divino, e assistido ao Santo sacrificio da missa, celebrada como na Vespera e nos seguintes dias pelo respeitavel e muito Rev.º Chantre Vice-Reitor, das 10 para as 11 horas chegou S. Ex.ª R.ªª, que tomando assento, de novo assumiu a palavra, e se dirigiu familiarmente aos Ecclesiasticos ali presentes e quasi todos curas d'almas, expondo com a maxima ternura e affecto, «a ingratião e maldade do Padre peccador, e em especial do Padre incontinente.»

Melindrosissimo era o assumpto!—porem, foi elle tratado tão subtil e delicadamente, que tocando a preceito o mal, deixou illesa toda e qualquer susceptibilidade, ainda a mais meticulosa, e até gratos os proprios enfermos, se por ventura alguns ali se achavam, pela magia dos medicamentos, e pela proficiencia do Clinico.

Seguiu-se-lhe a primeira meditação, verdadeiramente d'um alcance e profundidade admiraveis. E' que o seu objecto foi «a Eternidade,» dividida nos seguintes pontos:—1.º ha uma eternidade: 2.º o que é a eternidade: 3.º qual será a minha eternidade?

A segunda meditação d'este dia, versou tambem sobre a mesma materia, indo porem a sua analyse mais alem, por que sob este ponto de vista, particularizou o seguinte:—«de que depende a minha eternidade? da minha vida? da minha curta vida? d'um instante da minha vida?!»—Oh! e que reflexões importantissimas, não foram então ali feitas por todos os presentes! Com que força e intimativa não formulou o Rev.º

Armas do Amaral, as ideias do Padre Chaignon, fazendo estremecer a espaços os assistentes vivamente impressionados por aquella imponente e transcendental doutrina!

Para descansar os espiritos, meia hora lhes foi dada, vindo depois a terceira meditação, espraiair o coração, porque n'ella se tratou do «Officio divino,» isto é, da sua excellencia em si, em seus elementos e circumstancias quando se recita, o que tudo instruindo sobre modo agradou e deleitou.

Finalmente, e como que para se harmonisar com o assumpto da palestra do Venerando Prelado, versou a leitura d'este dia sobre a «*impureza nos Padres, seus effeitos e remedios,*» extrahida das obras do grande Doutor da Igreja S. Ligorio, concluindo-se depois os exercicios como de costume com as Litanias da Santissima Virgem, que Medianeira officiosa entre seu Divino Filho, e seus ministros, sem duvida lhes conseguiria para elles, a graça de pensamentos puros, desejos castos, affectos immaculados, palavras edificantes, e obras santificadoras.

(Continúa).

Terceira 24—7—82.

S. P.

Secção Scientifica

O artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do sr. Julio Ferry.

Pelo Revd.º Padre Felix

TERCEIRA CARTA

O artigo 7.º e os direitos do Estado

(Continuado de pg. 155 do 4.º anno)

SEM duvida os vossos projectos actuaes e as vossas intenções pes-soaes não vão até lá. Somente, para consolidar a vossa joven republica, e, como vós dizeis tão soberbamente, para salvar o *espirito moderno*, tendes pressa de vos desembaraçardes d'aquelles que, aos vossos olhos, compromettem uma cousa e outra: eis aqui a razão porque descarregaes sobre os congreganistas e em particular, sobre estes terriveis jesuitas aos quaes haveis jurado na tribuna e principalmente diante dos vossos caros Vosgianos, *arrancar a alma da França.*

Se devemos crer em vossas declarações officiaes e não officiaes, é certo que não tendes o designio de ir mais longe; vós professaes até, publicamente, o querer por toda a parte e sempre respeitár

a religião, e nada tem que recear-se de vossos projectos o catholicismo.

A fallar a verdade, Snr. Ministro, taes declarações não são lá muito de feição para nos tranquillisar; por que ainda que fossem tão sinceras quanto é possível suppor-se, será cousa que dependa de V. Ex.ª, que os principios não engendrem suas consequencias, que as causas não produzam seus effeitos, que as doutrinas emfim, não preparem o seu resultado? sereis vós mais forte que a força das coisas? e esta força que impelle irresistivelmente os principios reconhecidos a entrar no dominio dos factos acaso podereis por-lhe barreiras e dizer-lhe: Não passareis d'aqui? Não, mil vezes não. O principio horrivelmente perigoso do direito de ensinar attribuido ao Estado, como Estado, arrasta-vos invencivelmente, a vós e aos vossos, até á eliminacção progressiva de todo o ensino que não for conforme com o ensino do Estado.

E ainda não chegamos ao termo dos mysterios de contradicção que germinam nas entranhas da vossa lei. Eis aqui, Snr. Ministro, derivando dos principios que haveis posto, um outro resultado que a vossa logica não pode recusar e que todos os vossos esforços de moderação não poderiam impedir: é que dada a influencia notoria e o ascendente magico que exercem sempre sobre os outros povos as iniciativas tomadas pelo nosso grande paiz, a adopção de todos os vossos projectos, especialmente do vosso artigo 7.º, consagraria, em materia de ensino, este despotismo do Estado, não só em França mas tambem em toda a Europa e talvez em todo o mundo.

Efectivamente, se este direito que vós reivindicades, for affirmado por vós e pelos nossos poderes publicos, como direito inherente ao Estado, será possível que o mesmo direito, e pelo mesmo titulo, não seja reivindicado pelo Estado em toda a parte onde houver Estados? E se como ministro de instrucção publica em França vos credes autorizado, conforme o direito do Estado, a inculcar á juventude franceza os principios e as ideias professadas por vós e pelo vosso governo, com exclusão de qualquer outro ensino, como é e porque é que na Inglaterra, na Allemanha, na Italia, na Hespanha, na Russia, na Suecia, na Turquia, não havia de poder o Estado reclamar e exercer os mesmos direitos? E se a juventude em França deve, por direito do Estado ser amoldada ao livre pensamento por um estado livre pensador, por ventura não será forçoso, uma vez admittido por toda a parte o principio, amoldarem-se as novas gerações, na Suecia e na Prussia, ao protestantismo; na Inglaterra e na Russia ao schisma e na Turquia ao islamismo?

(Continúa).

Secção Historica

FUNESTISSIMO FIM

DOS

PERSEGUIDORES E INIMIGOS DA IGREJA

Desde Herodes até nossos dias

PRIMEIRA PARTE

Desde Herodes, o Grande, até á Paz de Constantino

CAPITULO PRIMEIRO

Seculo 1.º

SUMARIO.—I. Herodes, o Grande.—II. Judas Iscariote.—III. Caifaz.—IV. Tiberio.—V. Poncio Pilatos.—VI. Herodes Antipaa.—VII. Herodias.—VIII. Caligula.—IX. Herodes Agrippa.—X. Simão Mago.—XI. Nero.—XII. Sopenio Típilino.—XIII. Jerusalem.—XIV. Domiciano.

I.—Herodes, o Grande, ou o Ascalonita, rei da Judeia

(Morreu no 2.º anno da Era christã)

ERA chegada a hora annunciada pelos Prophetas para a realisacção da obra mais grandiosa do Eterno Padre, e o Verbo divino, encarnado por obra do Espirito Santo, nascia d'uma Mulher Virgem n'um estabulo de Belém.

A Lei antiga ia completar-se com a palavra do mesmo Filho Unigenito feito Homem, com a fundação da Igreja pelo mesmo Jesus Christo, com a Paixão e morte do Redemptor e com a prégacção do Evangelho, feita pelos Apostolos em todas as nações e a todas as gentes.

A humanidade, castigada com o diluvio e com a confusão das linguas, ia presenciar e assistir ao portentoso prodigio do Eterno Padre, que, na sua infinita misericordia, enviava á terra seu Filho Unigenito para ensinar aos homens os caminhos da verdade e da vida, lavar o mundo com seu preciosissimo sangue e redimil-o com sua Paixão e morte.

O mesmo Deus, offendido, dava-se, a Si mesmo em cruento sacrificio. Esta victima propiciatoria, offerecida em holocausto pela salvacção do homem, ia ser sacrificada pelo homem.

Cumpridas todas as prophcias, a Providencia divina havia preparado o mundo, na sua infinita sabedoria, para receber o Filho do Homem.

O imperio romano, senhor de toda a terra, gozava da paz octaviana, e parecia que Deus havia submettido o mundo ao poder de um homem, divinizado por seu povo, para presenciar o supplicio de um Deus humanado, pelo mesmo povo, a quem os Prophetas o haviam annunciado como Salvador e Libertador.

Poucos annos depois, o imperio romano, aquelle colosso cujo nome invocaram os judeus para condemnar o Justo,

tremia ante a Igreja fundada pela Victima sem mancha, immolada no Golgotha, e arrebatado pelo inferno e arrastado pelo requinte da civilisação pagã levava até ao delirio as abominações da carne, e attingia o termo de todas as degradações do espirito.

Ao ambicioso Augusto succedem, durante o primeiro seculo da Igreja, o perfido Tiberio, cuja auctoridade se invocou para sacrificar a Jesus Christo; Caligula, monstro de crueldade e impureza, e Nero e Domiciano, cujos nomes só espantam e dão uma idea cabal de todos os crimes, de todos os vicios e da crueldade mais refinada.

Herodes, primeiro perseguidor da Igreja na pessoa do Menino Deus; Judas, o Apostolo avaro, que vendeu seu divino Mestre; Caifaz, Pilatos e Herodes Antipas, auctores principaes da Paixão e morte do Redemptor e o hereje Simão Mago, pois já no primeiro seculo e ainda em vida dos Apostolos, era combatida a Igreja pela heresia, foram os instrumentos suscitados e inspirados pelo inferno contra a pessoa de Jesus Christo e contra a Igreja nascente.

Todavia, a culta Grecia e a omnipotente Roma ouvem, assombradas, a prégação de uma doutrina de paz, de fraternidade e d'amor, tendente a destruir a obra de seus sacerdotes, de seus sabios, de seus heroes e de seus legisladores, e a civilisação antiga vacilla e estremece ante a prégação da boa nova.

O Evangelho oppõe a unidade de Deus á multiplicidade dos deuses do Olimpo; a philosophia, baseada na revelação, ao philosophismo grego; a igualdade e a fraternidade, filhas do amor entre todos os homens, á condição do escravo; o sublime principio, dai a Cesar o que é de Cesar, base do Direito publico Christão, ao poder d'aquelles autocratas que se faziam obedecer como tyrannos e adorar como deuses, e uma moral severa, filha do amor de Deus, e do amor do proximo, a uns costumes, submettidos unicamente á rectidão da razão individual sem o temor e sem a esperança de um Deus vingador e misericordioso.

O mundo nunca presenciou revolução tão grande nem luta tão gigantesca como a que travou então o inferno contra a Igreja e contra a doutrina d'Aquelle, cujo nascimento saudaram os anjos, repetindo: «Gloria a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade!»

A luta teve principio logo no nascimento do Redemptor, contra cuja vida e missão se levantou furibundo Herodes Ascalonita, principe violento e cruel, a quem o Senado romano, cedendo aos desejos de Antonio, havia eleito Rei dos judeus, apesar de ser idumeu.

A ambição e a crueldade, unidas a uma inquieta desconfiança, eram as pai-

xões que o dominavam; tanto que, como Nero, mandou matar o seu avô Hircano, o seu cunhado Aristobulo, summo sacerdote, a Marianna, sua mulher, a Alexandra, sua sogra, e até a seus proprios filhos.

Tal era o principe em cujos Estados acabava de nascer o Redemptor do mundo.

Logo que nasceu o Messias, annunciou Deus a boa nova aos Reis Magos por meio de uma estrella que lhes serviu de guia para que fossem adoral-o.

Apenas estes chegaram a Jerusalem, começaram de perguntar aonde estava o Rei dos judeus; mas inquietando-se com isto Herodes, convocou immediatamente os principes dos sacerdotes e os escribas, e lhes perguntou aonde devia nascer o Christo, ao que lhe responderam, que em Belem de Judea.

O Monarcha informou-se então dos Reis Magos sobre a appareição da estrella mysteriosa, e encaminhando-os para Belem, lhes disse: *Ide, e informai-vos bem que menino é esse: e depois que o houverdes achado, vinde-m'o dizer, para eu ir tambem adoral-o.* (1)

A exactidão com que correspondiam todos estes successos com as prophecias relativas ao nascimento do Messias, e os prodigios que se referiam do Menino Jesus fizeram com que Herodes temesse perder o throno; e irritado depois por que os Magos, longe de cumprir seus desejos, voltaram para o Oriente sem passar de novo por Jerusalem, mandou matar todos os meninos de Belem e seus arredores, que tivessem dous annos e d'ahi para baixo. Este barbaro decreto executou-se com brutal exactidão.

S. Gregorio Niceno e Santo Agostinho, alem d'outros, descreveram e pintaram com sublime eloquencia os horrores d'esta hecatombe.

Alguns historiadores são de opinião que o numero das innocentes victimas ascendeu a cento quarenta e quatro mil, fundando-se em que S. João no seu *Apocalypse* fixa este numero ao fallar das almas innocentes e castas que seguem o Cordeiro; mas o erudito Salmeron, nos seus *Commentarios*, diz que foram quatorze mil, e acrescenta que os christãos da Etiopia, chamados os abyssinios, mencionam este numero no Canon da Missa. Genelrardo diz tambem que os gregos fixam este mesmo numero no seu calendario, e esta é a opinião mais provavel.

E então se cumpriu o que estava annunciado pelo propheta Jeremias, que diz:

Em Ramá se ouviu um clamor, um choro e um grande lamento: vinha a ser Raquel chorando a seus filhos, sem admittir consolação pela falta d'elles. (2)

(1) S. Math. Cap. ii, v. 8.

(2) S. Math. Cap. ii, vers. 17 e 18.

O Menino Jesus escapou áquella barbara sentença, pois avisado José em sonhos por um anjo do Senhor, fugiu com o Menino e sua Mãe para o Egypto; a impiedade e crueldade, porém, de Herodes não ficaram impunes.

A justiça de Deus feriu o sanguinario Monarcha com uma enfermidade horrivel, que por fim lhe produziu a morte e que Josepho descreve assim: «Um calor lento que não se manifestava no exterior, abrazava-o e devorava-o interiormente. Ao mesmo tempo soffria uma fome tão insaciavel que nada podia saciar-a. Eram cheios de ulceras seus intestinos, e colicas violentissimas lhe faziam soffrer dores espantosas. Seus pés eram inchados e lividos. Suas virilhas não eram menos inchadas, e as partes genitais n'um estado tal de putrefacção que creavam vermes. Seus nervos eram contrahidos; respirava com muito custo, e seu halito era tão fetido que ninguem podia approximar-se d'elle. Todos os que presenciavam os padecimentos d'este desventurado principe convinhavam em que era um castigo palpavel e visivel do céo á sua crueldade.»

(Continúa).

Sessão Critica

COISAS! COISAS!

UM jornal que se publica no Porto, na cidade da Virgem, e ao mesmo tempo *batuarte da liberdade*, que dá pelo nome de *Primeiro de Janeiro*, dava ha dias aos seus leitores a agradavel noticia de que havia estado n'aquella cidade o Bispo D. Antonio Ayres de Gouvea.

Não sabemos onde o revisteiro do tal *Primeiro do anno* foi achar, entre o Episcopado portuguez um Prelado assim chamado! Já estarão preenchidas as cadeiras prelaticias que estavam vagas, e isto sem que nós o saibamos? Quer-nos parecer que não, e a não ser engano o orgão da jancirada chama bispo a um doutor que se fizera padre, segundo as más linguas, para ser logo nomeado bispo. Hade ser isso. Mas sendo-o com que direito se lhe chama bispo e se lhe dá aquelle dom, que só pertence aos Bispos! Porque para ser bispo, senhor de Janeiro, não basta o governo apontar um padre para isso; é necessario que o Papa o confirme, sem o que o padre fica sendo padre unicamente, e só tem dom naturalizando-se cidadão de Vigo, ou de qualquer parte de Hespanha.

Póde o senhor de Janeiro dizer-nos que a intrigas dos ultramontanos se deve a não confirmação do Padre Ayres; que lhe não faltam merecimentos para ser um bom bispo, que só os obscurantistas lhe fazem guerra, e que por isso lhe hade dar sempre o nome de bispo.

Mas venha cá homemsinho do Senhor: os ultramontanos, os catholicos não é que guerreem a confirmação do Padre Ayres; quem a guerreia são os seus actos, apontados pelos mesmos que desejam vel-o com uma mitra na cabeça.

Quer o noticiaria do jornal dos dez réis saber o que um seu collega diz, fallando do Padre Ayres e da sua nomeação? Pois leia, e saiba que são palavras d'um periodico de ideias avançadas, chamado *As Instituições*, e que vê a luz publica na capital.

Dizem ellas:

«Conhecemos o sr. Ayres de Gouveia de longa data. Lembramo-nos de quando elle, deputado da nação, trajava como o mais arrebitado *dandy*, sem lhe escapar o elegante *bouquet* na lapella do seu irreprehensivel *fraque*. Lembramo-nos do adocicado das suas phrases, do amaricado dos seus admanes e do exaggerado das suas pretensões a *crevé* de primeira plana.

Vimol-o depois ministro durante quarenta dias, ministro que, logo ao primeiro dia da sua apresentação ás côrtes, se atolou no ridiculo, graças á declaração, que fez na camara electiva, de que—*«tinha chegado ao poder levado na onda da providencia.»* Em duas palavras: o sr. Ayres de Gouveia era, em toda a extensão da palavra—*um pretencioso ridiculo.*

Veiu-lhe *subitamente* a vocação para padre, e um bello dia aquellê bigode artisticamente perfumado e retorcido, e aquelles bandós saturados de pivetes caros e de pomadas exquisitas, desapareceram para darem logar á emolduração de um rosto de *clerigo alvar* que, diga-se a verdade, a todos provocava os mais picantes commentarios e os mais satyricos sorrisos.

Tempos depois o padre appareceu bispo! Não *fôra* uma vocação que se assegurára, *fôra* uma ambição que se satisfizera! Sem lhe negarmos um certo merecimento, affirmaremos que, com aquella nomeação *arrancada á politica partidaria*, não gemeu só a justiça, gemeu *tambem a moralidade.*

A curia romana mostrou escrupulos em confirmar aquelle bispo, e elle, em vez de rasgar toda aquella gualdrapa, que o transformara de homem elegante em cabide de trapagem de côres variadas, se acaso tinha a consciencia de que não merecia a affronta de Roma, foi-se em devota peregrinação até lá, para ver se, com o *beijo servil* na sandalia papal, obtinha uma clemencia da qual, a final de contas, *mostrou a todos que precisava.*

O pontifice não se dobrou *aquella dupla humilhação*, e até hoje, que sabemos, não consta officialmente que o *Asheverus episcopado*, aquelle *proscripto*

das sés, tenha logrado obter a confirmação.

Passa por homem liberal o sr. Ayres de Gouveia; mas, com franqueza, se o fôra de coração, se o seu espirito culto se não obsecasse ao ponto de sacrificar a uma ambição vaidosa o direito de ser livre, elle teria jus ás homenagens de todos os homens de bem: mas, accetando resignado a situação deploravel em que se collocou, e, o que é mais, tendo-se affeito a ella, sem revelar que lhe dóa, deu direito a todos os seus concidadãos, não só a pôrem em duvida a pureza das suas crenças, mas *tambem os brios e a dignidade do homem.*

E aqui vem a proposito dizer, pelo que acabamos de expôr, que, se alguma vez o pontifice romano *procedeu com justiça*, foi de certo quando *se recusou a confirmar* como bispo *quem tão baixo desceva* para ver satisfeita uma ambição que, *á priori* e *á posteriori* nunca se justificou *por uma vocação decidida.*

Aqui tem o que um seu collega diz do Padre a quem chama D. Antonio e Bispo. Falta agora que nós lhe digamos a razão porque elle não pôde usar do titulo que o governo lhe *queria* dar. O Snr. Dr. Ayres de Gouveia, pelo que se diz e disse sempre, é maçõ e um maçõ não pôde ser ao mesmo tempo catholico, e muito menos bispo. Prohibe-o a Igreja e são d'essa mesma opinião os proprios chefes do maçonismo, como se vê do seguinte artigo publicado pelo nosso esclarecido collega *O Novo Mensageiro do Coração de Jesus.*

Leia mais isto, ainda que lhe custe, e depois se convencerá de que não pôde estar a fazer bispos nas columnas de um jornal, que, afinal não passam de bispos de papelão.

Leia, leia o que se segue, que lhe deve aproveitar:

«Encontroamos na *Civiltà Cattolica*, fasciculo de 15 de julho, e parece-nos mui curiosa e mui adaptada ás circumstancias, uma carta dirigida officialmente por um alto dignatario maçõ, I. Castellazzo, a 27 de março d'este anno, a certa loja maçõnica de Genova, em resposta á pergunta:—*Póde ser um catholico recebido na maçonaria?*

Boa pergunta! Com ligeira modificação *tambem* não falta quem presentemente a faça em Lisboa!—Póde um maçõ ser catholico e até membro de irmandades?

O caso de Genova foi o seguinte: Um maçozinho da Liguria, ouvindo dizer que os catholicos não podiam ser mações, submetteu ao *Veneravel* da sua loja uma humilde supplica para saber se sim ou não podia continuar a ser membro da seita sem deixar de ser catholico. O *Veneravel* ficou atrapalhado. Não sabendo como sair-se da difficuldade e não se querendo comprometter, recor-

reu ao alto juizo do *Grande-Oriente* de Roma, estabelecido na *Via della Valle*. Foi encarregado da resposta o sr. Castellazzo, que a deu, auxiliado pela *cauistica* maçõnica, n'uma *carta circular* enviada a todas as *lojas italianas para sua norma*. Póde-se pois reimprimir, diz a *Civiltà* «para norma igualmente de muitos catholicos se não da Italia, pelo menos de Portugal e do Brazil, que ainda julgam poder ser ao mesmo tempo catholicos e mações; e não só catholicos, mas até conegos e *algo mais*». São palavras da citada revista florentina (pag. 222).

A carta diz assim:

«N.º 7695.—Roma, 27 de março de 1882. E.: V.:» (era vulgar).—«Carissimo Ir.: Gregorio Ortumo, *Veneravel* da R.: L.:» (respeitavel loja) «*Triumpho Ligurio*, Genova. Ao irmão interpellante deveis responder pouco mais ou menos do modo seguinte:—A maçonaria, tolerantissima em facto de religião, porque na sua philosophia crê que em cada religião, ainda nas menos logicas se esconde uma certa dose de verdade *physisica* (sic), *psychologica* e moral encoberta, e devêras muito encoberta por muitissimas preocupações e erros, não pôde excluir o catholico d'esta universal tolerancia, comtanto que, bem entendido, aquelle que professa o culto catholico e quer ser maçõ não acceite, antes repudie a intolerancia da sua Igreja, que condemna a maçonaria, a excomungua, e por isso a exclue totalmente do gremio da catholicidade.»—Por outros termos, a maçonaria admittindo a *verdade* de todas as religiões, por esse mesmo facto nega a verdade da religião catholica. Por isso o catholico que se faz maçõ apostata *ipso facto* do Catholicismo, e só como apostata pôde ser admittido na maçonaria.

«Quem crê»—continua a carta—«na infallibilidade do Papa, não pôde inscrever-se na maçonaria, não já porque a maçonaria o repilla» (e não o repelle, porque quem entra na maçonaria já não é catholico), «mas porque o Papa prohibe absolutamente a um bom catholico o ser maçõ. Se pois o *Irmão* de que se trata julgou conveniente fazer-se iniciar mação, e o é de ha tempos, permaneça, se sua consciencia lhe não diz como catholico que se retire da nossa Associação.»—Por conseguinte a consciencia catholica, até mesmo segundo Castellazzo, não permite ao catholico permanecer na associação maçõnica. Muito bem!

«Quanto á crença em Deus, não só é tolerada» (já é favor!) «mas hoje é sustentada pela grande maioria do mundo maçõnico, a qual até ha um certo tempo costumava excluir os atheus do consorcio maçõnico, e hoje sómente os admittie em força d'aquelle principio de

tolerancia *philosophica* que a maçonaria constantemente tem a peito fazer *triumphar* no mundo maçónico como no mundo *profano*. — N'outros termos: D'antes era necessario crer em Deus, isto é, no *Grande Architecto do Universo*, para ser admittido mação: isto em respeito á opinião publica, quer dizer ás *preoccupações* vulgares. Mas agora quem ainda tiver essa *preoccupação*, lá se arranje, até que a maçonaria lhe ensine como a tantos outros que o mação deve fazer *triumphar*, até mesmo no mundo *profano*, a *santa philosophia* que nega a existencia de Deus.

«Quanto á pergunta» — continúa ainda a carta — «se a maçonaria como corpo deva descer ao campo politico e administrativo, responder-vos-hei que não deve» (isto é, *não deve dizer que o faz*; mas pode-o e deve-o *ir fazendo*, como a maçonaria romana, excommungada pelos mações de Turim, etc., exactamente porque o faz com demasiada publicidade como corpo). «A associação maçónica comprehende todas as gradações civis do partido liberal. Não pôde portanto fazer questão de côres politicas ou de principios mais ou menos accentuados. Se os mações devessem em corpo tomar parte nas luctas vivazes e ardentes da vida politica, bem depressa estariam em aberta divergencia entre si, transformariam as *lojas em clubs*, e substituiriam a caridade e a fraternidade maçónica, que a todos nos une, as convicções e as iras dos partidos, que nos desuniriam e tornariam inimigos» (o que agora mesmo está acontecendo, principalmente na Italia). «O mação é tambem cidadão, e deve-o ser em grau perfeito. Faça por isso na *loja* e nos corpos maçónicos o seu dever de mação; na vida *profana* e politica o de cidadão; e a maçonaria não tenha sobre elle outra influencia senão a de modificar os odios e tornal-o, ainda no amor do bem publico, não excessivo, não fastidioso, mas tolerante, amavel, e sempre fiel áquelles principios de *progresso civil e humanitario* que a nossa instituição tem constantemente propagado e que constituem o seu elogio mais bello e melhor merecido.» — Por outros termos: — O mação recebe secretamente na *loja* e como mação a palavra d'ordem politica. Depois, fóra da *loja*, opéra, *não como mação, mas como cidadão*, exactamente aquillo que a maçonaria combinou na *loja*.

«Acceitac, querido *Irmão*, etc.—O *Grão-Secretario*, L. Castellazzo.»

Não se precisa *pôr mais na carta*. O caso está bem resolvido. Catholico e mação, impossivel!»

Se ainda continuar com a teimosia de querer ter um bispo lá dos da irm., nós damos-lhe carta franca para entrar n'um estabelecimento adequado ao esta-

do de todos aquelles que berram sem saberem o que dizem.

E mais nada por hoje.

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Litteraria

A PRECE DO ANCIÃO

Senhor, declina o dia, e a noite escura
Já sobre a terra cae;
Das obras tuas a alta formosura
Quasi não vejo, ó Pae!

Com providente mão me has concedido
Vida longa, Deus meu;
Mas em breve terci comparecido
Ante o tribunal teu.

Ai! do sepulcro á porta se alevanta,
Qual espectro minaz,
Lembrança de meus erros que me espanta,
De minhas acções más! . . .

Senhor, declina o dia, e no passado,
Já turvo aos olhos meus,
Claro para contar tanto peccado
Não diviso, meu Deus!

Quem gastara offendendo-te a existencia,
Merece o teu perdão?
Deixa baixar, Senhor, tua clemencia
Sobre este pobre ancião.

Soltando-se da terra que o prendia,
Meu derradeiro olhar
Se alça a Ti, que a só luz que me allumia
A vejo em Ti brilhar.

Senhor, é noite escura, e a voz amada
Dos meus não ouço já:
Mas Tu ouves minha alma que a Ti brada
Contrita qual está:

«Em tuas piedosas mãos me entrego,
Dulcissimo Jesus:
Tem compaixão de quem viveu tam cego,
Dá-lhe repouso e luz!»

Porto—Outubro de 1882.

A. MOREIRA BELLO.

VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

CAPITULO XIV

O carcere de Paula

(Continuação)

PERDOA-ME, irmão Victor, dizia-lhe Paula; ignorava que tu pertenceses á minha familia; bem podes imaginar que, em quanto fui pagã, meu

orgulho de princeza e o respeito á regia nobreza de meus paes não me permittia descobri-la, sendo como era e sou uma humilde escrava; e depois que me fiz christã, tomei a resolução e fiz proposito de nunca revelar este segredo, para d'esta forma assimillar-me um pouco áquelle que sendo Rei do céu e da terra se fez humilde e escravo por nosso amor.

Todos escutavam attonitos e todos choravam d'alegria; o valente veterano do Norte, porém, fitando o rosto de Paula, disse:

—Sim, tambem te reconheço: em nada te dessemilhas a teus paes; ou melhor, és o vivo retrato de tua mãe, a rainha dos Silures.

—Effectivamente: muitissimas vezes assim o ouvi dizer. Tu has de conhecer-me perfectamente. Sou a filha mais velha, aquella que vós chamaveis Thilfrida.

—Eis-nos, pois, aqui, nós os ultimos descendentes dos reis dos Silures, acrescentou Victor. Oh! e para que o não havias já dito?! para que deixaste e reservaste esta revelação só para agora, agora que tu vais morrer?! . . . Mas não. . . . que nos importam agora as grandezas do mundo? não. . . não nos venham roubar ellas agora a nossa felicidade. A corôa do céu vale muitissimo mais, que todas as da terra! Não lastimemos a falta de um throno caduco e terreno, quando Deus nos tem preparado outro, que é immortal e eterno!

—Visto isso, não me enganei, disse o ancião: este nobre patricio descende da estirpe regia dos Silures?

—Meu pae era romano; minha mãe, essa é que era filha de Karaktaco, respondeu Victor.

O prisioneiro cabiu de joelhos, e pegando n'uma das mãos de Victor e n'outra de Paula, disse-lhes:

—Prostro-me ante os filhos de meus reis, e saúdo-os como subdito leal. Agradeço a Deus o beneficio immenso de, antes de morrer por Elle, dar-me a consolação e ventura de vos encontrar, avivando assim na minha mente recordações tão vivas e reminiscencias tão dôces da minha patria.

E seu rosto venerando era todo banhado em lagrimas.

—Meus filhos, disse alfim Clemente, dêmos todos juntos graças a Nosso Senhor pela satisfação, que aprouve conceder-vos em vossos ultimos momentos. Sua mão paternal é a que vos havia preparado o doce lenitivo d'esta alegria. Dentro em pouco forçoso é separar-nos: orêmos pois, de joelhos, a fim de que o Senhor fortaleça nossos corações para os combates que nos esperam, e para que nos reuna a todos um dia na eternidade, na gloria.

Todos á uma se prostraram, e o Pon-

tífice, elevando sua voz, recitou commo-vido o officio da agonia, a recommendação da alma.

Victor evidenciava um fervor angelico, do qual, surprehendida Paula, o felicitava com toda a vehemencia do gozo que sentia ao vêr-se rapida e inesperadamente duas vezes sua irmã, irmã pelo sangue e irmã pela fé.

—Seja Deus eternamente bendito, lhe disse, por haver-te feito christão!

—Amen, respondeu Victor: não te esqueças de agradecer-lhe por mim tambem. Mas tu, acrescentou um momento depois, tu hades soffrer muitissimo n'este humido e lóbrego calabouço. Toma esta minha chlamyde, Paula, cobre-te com ella, e depois m'a darás quando nos encontrarmos no céu.

—Fica certo e tranquillisa-te, irmão Victor, disse a virgem christã; Deus te chamará tambem e cre que não tardará muito.

N'este momento ouviu-se o tilintar de muitas chaves. Era o impaciente carcereiro que se dirigia para a porta do calabouço e os avisava, d'esta forma tão grosseira e incivil, que era já tempo de retirarem-se. Em poucos momentos cada um manifestou e descobriu ao Pontífice os segredos e reconditos da sua alma.

A um signal de Clemente, todos se ajoelharam outra vez e se inclinaram profundamente. O Sacerdote pronunciou então as palavras da absolvição. A estas succedeu um momento de religioso silencio.

—Adeus, Paula, disse Victor ao levantar-se; encomendae-me a Deus.

—Até á vista, lhe respondeu ella; antes porém de te ausentares promettes-me fazer uma cousa?

—Prometto. Que é?

—Assistires ao meu supplicio. Quero dirigir-te o meu ultimo adeus ao voar para o céu.

—Oh! esse é o meu desejo, Paula, disse Victor profundamente commovido. Sim, até á vista! E vós, meus irmãos, adeus: um dia tornaremos a encontrarnos lá, onde já se não chora nem soffre jámais: orai por este pobre neophyto, intrepidos confesores da Fé.

E voltou sobre Paula um ultimo olhar; esta já se havia ajoelhado e permanecia orando.

Clemente pegou-lhe na mão dizendo:

—Vamos.

O romano sahiu cabisbaixo, e as lagrimas corriam-lhe abundantes até humedecer o sólo.

(Continua).

VERSÃO DO P.º LIMA.

Secção Artistica

A architectura ogival e o ideal christão

FORAM necessarios doze seculos de fundação para que a architectura ogival, o mais bello fructo da arte christã, patenteasse mais uma vez o quanto é feracissima a arvore regada com o sangue do Martyr do Golgotha.

A' epoca heroica das cruzadas, em que os christãos encendraram e depuraram a sua fé no cryzol de cem batalhas, succederam-se novas cruzadas, não de guerreiros combatendo infieis, mas de artistas elevando ao Altissimo dignas moradas da sua divindade.

Religião de paz e amor, consubstanciando o melhor das suas aspirações na vida de alem-tumulo, o christianismo apenas se apoia na terra para mais facilmente voejar ao seio da verdade eterna d'onde saiu.

E quem mais profundamente se inspirou nas sublimes verdades da *boa nova*, do que esses portentosos artistas da idade media, os quaes, imprimindo em toscas pedras o cunho do seu genio, apreçoam bem alto as firmes crenças de então?

•Parece que esse immenso movimento das almas, representado por S. Domingos, S. Francisco e S. Luiz, diz Montalbert, não podia exprimir-se senão por essas gigantescas cathedraes que parecem levar até ao ceo, no pinaculo de suas torres e de suas agulhas, a homenagem do amor e da fé victoriosa dos christãos. As vastas basilicas dos seculos precedentes tem-nas como demasiadas, pesadas e vazias, para exprimirem as novas emoções da sua piedade e a aspiração remozada da sua fé.

E' necessario a esta viva chamma um meio de se transformar em pedra e ligar-se assim á posteridade.

Os pontífices e architectos precisam de alguma nova combinação que se presente e adapte a todas as novas riquezas do espirito catholico. Encontraram-na seguindo essas columnas que se elevam em frente uma da outra na basilica christã, como preces que, congregando-se diante de Deus, se inclinam e abraçam como irmãs; n'este abraço descobrem a ogiva. Pela sua appareição, que só se torna um facto geral no decimo terceiro seculo, tudo é modificado.»

Começa então a predominar a linha vertical, imagem da continua tendencia do homem para um mundo invisivel, ideal christão admiravelmente impresso n'esse character ascencional das columnas, abobadas, ogivas, corucheus, torres e agulhas, que por toda a parte parecem allear-se até ao ceo.

«Não busqueis a idade media, a antithese do mundo pagão, nos castellos

feudaes, diz o eloquentissimo Emilio Castellar. . . procurai-a no seu grande symbolo, nas cathedraes gothicas, n'aquellas maravilhas de pedra, construidas por gerações animadas pelo espirito religioso, maravilhas que levavam em si, como a arca de Noé, toda a civilização do seu tempo.

A' sua sombra agrupam-se as casas, como os pintainhos sob as azas de sua mãe; na sua praça reune-se o mercado; no seu portico benzem-se os alimentos; no seu claustro fazem-se as festas theatraes; ao som dos seus campanarios congregam-se as assembleas; ao pé dos seus altares arinam-se os cavalleiros; de suas capellas saem os peregrinos; nos seus pulpitos ressoa a unica palavra que se ouve n'aquella idade, a palavra do sacerdote; na sua atmospheria junta-se o canto do clero á voz estridente do povo que forma o coro e enche as abobadas repletas de orações; em suas aras está a mãe de todos os homens, a Virgem pura; em suas litanias, o triumpho do amor mystico; em suas procissões, perfumadas de incenso, acompanhadas pelo orgão que anima quadros, estatuas e columnas, e alumadas pelos cirios e pelas lampadas, figurando-se-nos estrellas errantes que heberam a sua luz no sanctuario, em suas procissões, repito, todos os mysterios da alma; em sua architectura, toda a arte. . . ; no pavimento, formado de lapides sepulcraes, a vida de hontem, a morte; na forma da igreja, que é uma cruz, a vida de hoje, o sacrificio; nas folhas cinzeladas dos arcos, a natureza; na janella rasgada que se abre lá em cima e que recolhe a luz e a decompõe nos matizes do iris, o ceo; e na agulha rendilhada, aerea, que se ergue ao infinito, que se perde nos arreboes do firmamento, a escada mystica, mysteriosissima, por onde a vida contingente aspira a confundir-se com a vida eterna, e o homem, impulsionado pela fé, sobe a perder-se no seio da gloria.»

Realmento, na architectura gothica tudo é emblematico e symbolico; em tudo se vê o pensamento christão dominar como principal motor da inspiração artistica.

O plano em forma de cruz e as capellas irradiando em volta da abside, á semilhança da coroa do Justo, recordam-nos as sublimes paginas escriptas com o sangue d'um Deus para redempção da humanidade; ao passo que a luz do dia, coada por esguias janellas de variegadas cores, dá ao templo essa mysteriosa obscuridade que nos convida áquelle santo recolhimento, em que o homem, desprendido dos laços terrenos, se libra nas azas radiosas da esperança até ao throno de Deus a ofertar-lhe o puro incenso das suas orações.

•Entre os segredos das associações

de pedreiros, diz Cantu, figurava a sciencia dos numeros mysticos e das formas symbolicas, em conformidade com o typo da Jerusalem celeste. . . A elevação geral do edificio é dividida em trez partes, numero sagrado que regula tambem as construcções secundarias; a cruz da nave é a base mystica sobre a qual se alteia o triangulo de elevação; as arestas cruzam-se sobre a cabeça do crente ajoelhado, como o instrumento da sua redempção; os annões, os sayros com pé de cabra e as chimeras, personificam os espiritos perversos, o genio do mal, que por toda a parte se encontra ao lado do genio do bem.

(Continua).

P.º F. SANCHES.

Secção Illustrada

Calix do seculo XVI pertencente á Sé de Coimbra

EPOCAS de prosperidade e grandeza teve-as Portugal como nenhuma outra nação do mundo as tivera.

Quando seus ousados navegadores levaram com o estandarte das Quinas, o nome portuguez a todas as partes do mundo; quando os povos se comprazião em ser subditos dos reis de Portugal e que as corôas dos altos potentados do Oriente cabiam aos pés do monarcha portuguez, as artes attingiam um tal grau de opulencia e desenvolvimento que ainda hoje os trabalhos dos nossos artistas, em qualquer paiz que se expõem, fazem o assombro de quantos os admiram.

E' uma prova do que deixamos dito o calix de que é copia fiel a gravura d'este n.º, e que é pertença da Sé de Coimbra.

E' de prata dourada e representa admiravelmente o grau de esplendor a que chegou a ourivesaria no seculo XVI. No pé tem varias figuras entre ellas Nossa Senhora da Piedade, Santa Maria Magdalena e Nossa Senhora com o menino ao collo, e anjos. Todo é coberto de rendilhados e de pequenas figuras allegoricas. Peza onze marcos.

E' uma obra admiravel, e que faz recordar os tempos em que os artistas eram recebidos nos paços dos nossos reis, como hoje são recebidos nos gabinetes dos ministros os galopins eleitoraes. Faz recordar os tempos em que os grandes e os reis, para animar as artes no seu paiz, gastavam sommas enormes em objectos com que enriqueciam as nossas cathedraes e igrejas; hoje os reis e os governos mandam vir de fóra do paiz o que n'elle se podia fazer, e d'aqui o estado de decadencia em que estão as industrias nacionaes.

Poderamos fazer mais detida descripção da gravura, mas é ella tão fiel, que nos dispensa de grandes detalhes.

R.

Retrospecto da quinzena

E ASSIM que se vingam um povo! E' d'esta arte que a população de uma cidade responde aos convites feitos pelos corypheus do liberalismo para accender grizetas por occasião dos centenarios pirraças, dos festejos anti-catholicos feitos ao marquez de Pombal.

Guimarães n'esse dia conservou a nudez e o silencio de uma cidade enlutada. Respondeu ao convite fechando as suas janellas com medo ao festejado, personificado nos festeiros. Não oppoz manifestação a manifestação, festa a festa; deixou passar e esperou o seu dia.

E não esperou muito tempo. Os dias 3 e 4 de outubro deram-lhe azo para uma desforra digna de tal gente.

Pelas 4 horas da tarde do dia 3 o vasto templo que fóra dos frades franciscanos alria-se para dar principio ás solemmissimas vesperas, a que assistiu muito povo. A' noite malinas, seguindo-se á risca o que se fazia quando os donos da casa alli moravam. A igreja, espaçosa, bem ornamentada e com tanta profusão de lumes que parecia era o sol, que, atravez as frestas do templo, o vinha inundar de luz, apresentava um aspecto altamente bello, grandioso! E cá fóra em quasi todas as casas, e por todas as ruas uma brilhante illuminação, que o povo admirava contente.

A's dez horas da noite, quando os officios divinos terminaram foram os ares atroatos com uma tal dóse de bombas, que bem parecia havia intento de despetar Pombal e seus festeiros.

No dia 4 ao romper d'alva os foguetes e os repiques dos sinos de todas as torres (menos o relógio do municipio, que esse não é para estas cousas) annunciaram o dia do Santo Patriarcha, e pelas 11 horas principiava a missa solemne.

De tarde vesperas etc. etc.

E sempre os foguetes, aquellas *mal-ditas* bombas, que ninguem ouviu nas festas pombalinas, a atroar o espaço, a levar o contentamento a milhares de corações!

E' assim que se vingam um povo! Gloria á mesa da veneravel ordem terceira de S. Francisco! Gloria a todos os terceiros que illuminaram suas casas! Gloria ao povo de Guimarães que, peze a quem pezar, é catholico apostolico romano, e sempre que póde, ou que para isso lhe dão ensejo, não tem vergonha de o manifestar publicamente.

* * *

Promettemos no passado numero fustigar bem a canalha que lhe deu para ir brincar junto do Paço do venerando Prelado Angrense, mas desistimos do intento porque com garotos nada queremos.

E de mais, o protesto lavrado pelo publico illustrado de Angra forte azoragou nos parece para marcar o costado da pelintrade que toma por alvo de seus estupidos grageos a pessoa d'um dos mais respeitaveis membros do episcopado catholico. E se não vejamos pela leitura do seguinte trecho que copiamos de um artigo com que o nosso esclarecido collega do *Catholico* stigmatiza o proceder dos mal andrins sem educação:

«A cidade d'Angra tem-se portado n'esta triste conjunctura d'uma maneira que muito nobilita os seus habitantes. O ex.^{mo} e rvd.^{mo} sr. Bispo logo nos dias 8 e seguintes começou a ser procurado pressurosamente por tudo quanto Angra tem de grande e elevado na gerarchia social. O ex.^{mo} governador civil do districto, o ex.^{mo} general commandante da 5.^a divisão militar, o ex.^{mo} conde da Praia da Victoria, o ex.^{mo} presidente da camara municipal, o ex.^{mo} par do reino visconde de Sieuve de Menezes, o ex.^{mo} visconde de N. S. das Mercês, o ex.^{mo} deputado por este circulo, barão do Rainhalho, o ill.^{mo} e rvd.^{mo} cabido da cathedral e mais clero da cidade, muitos distinctos e illustres cavalheiros d'Angra, todos teem ido patentear a sua ex.^a rvd.^{ma} a parte que tomam no desgosto profundissimo que um tal attentado espalhou no seio da sociedade terceirense. Honra lhes seja!»

Que importa que as vergontees d'esse liberalismo atheu que ahi campeia *queiram* insultar o respeitavel Bispo de Angra, se a sociedade douta da capital dos Açores protesta contra tão infame proceder?

Deixemos os pobres rapazes esfrangalhar-se com seu torpissimo pinotear e repitamos os nossos parabens ao Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel por ter taes inimigos.

O nosso esclarecido collega da *Nação* publicou ha dias uma carta do Sr. D. Miguel de Bragança, escripta ao Sr. Conde da Redinha, que fez uma grande barulheira no campo do mindelirismo, como não podia deixar de ser. A maneira como d'ella se occuparam os jornaes liberastas, mesmo aquelles que o ilzeçam a rir, mostra bem o ferro causado com a sua leitura.

Vamos reproduzil-a para que dos nossos leitores conhecida seja e para assim prestarmos o devido preito aos Principes que tanto se interessam pelas pros-

peridades da nossa e da sua patria. Eil-a:

«*Meu caro conde da Redinha.*—Chega-me agora mesmo a *Nação* de 21, e já havia recebido telegrammas, que me tinham sido bem gratos, com as noticias e narrativa da commemoração do meu anniversario, ahí e em outras localidades do nosso Portugal.

«Tudo me vae ao fundo d'alma e me leva a não demorar um momento a expressão dos meus sentimentos, que são os da gratidão, da dedicação e do amor que um animo verdadeiramente real, na significação mais generosa da palavra, pôde abrigar. Sobretudo o que mais prézo na manifestação do amor de portuguezes ás suas tradições é a legitima representação d'ellas, é o espirito de abnegação, de concordia, de fraternidade nacional, que tendem e aspiram a fazer de todos os portuguezes uma só familia, onde se tolerem até as opiniões divergentes, mas concordes no grande empenho de conseguir o bem commum; é a declaração de principios que levam o paiz a reatar o fio das tradições do passado aos progressos e melhoramentos do presente, preparando assim, a contento de todos, até dos divergentes, um futuro proveitoso e glorioso.

«Uma situação logica e honesta conseguiria isso por certo. Essa situação só ao paiz a pode dar a monarchia tradicional. E se o principio que eu represento é indispensavel ao grande empenho, mercê de Deus, sinto-me com vontade decidida de cumprir com o meu dever, livre de todo o sentimento repulsivo, ambicioso só da sympathia de todos, crente em que Portugal é assaz grande para abrigar todos os seus filhos, que todos serão poucos, se formos além-mar lançar os solidos e largos fundamentos ao nosso imperio africano tão lamentavelmente descuidado.

«Para levar por deante a grande obra, a obra necessaria, é evidente não haver ahí nem intelligencias, nem actividades, nem energias indispensaveis. O que é preciso é desanuviar a situação moral, regular a situação financeira e propôr á nação o alto fim que lhe apontam as suas tradições.

«Taes são os sentimentos que se levantam em meu espirito: ao contemplar o quadro d'essa manifestação tão patriótica como esperançosa, esperançosa como a mocidade que a iniciou, a cuja palavra eu respondo com o coração agradecido, com a palavra animadora e com um aperto de mão, portugueza de lei.

«Transmitti pois, caro conde, estes meus sentimentos aos amigos de Lisboa, de Braga, da Covilhã e dos outros pontos do paiz, não esquecendo esses bons e fieis operarios que, leio, fraternisaram

com seus irmãos das outras classes sociais.

«O tempo urge e portanto acabo, caro conde, por vos exprimir os votos de que Deus vos haja em sua santa guarda.
«Bronnbach, 25 de setembro de 1882.

D. Miguel de Bragança.»

O *Primeiro de Janeiro*, jornal que se offerece pelas ruas, e outros vieram ha dias muito contentes dar duas noticias a que elle deu uma grande importancia.

Foi a primeira que na occasião em que o Santo Padre passeava nos jardins do Vaticano, se dera um tiro junto d'elle e que S. Santidade impallidecera. É uma petra descaradamente dita, porque o Santo Padre nem ouviu o tiro e só o soube quando l'lo contaram; e foi dado por um visinho do Jardim Pontificio, que disparou uma arma ha muito carregada e que veio disparar á janella.

A outra petra foi dizer que o Snr. Conde de Chambord estivera no Vaticano, quando todos os jornaes francezes, que merecem credito, nos dizem ser o Conde de Paris que visitara S. Santidade.

O que o dito *Primeiro* nos não dá é a seguinte noticia:

No congresso Catholico ha pouco celebrado em Allemanha tomaram parte 2199 pessoas, entre as quaes se notava a presença de 77 representantes da mais distincta nobreza allemã.

D'estas noticias não falla elle!

Nem lhe chegam tambem estas noticias que bem lhe devem agradar e a todos os da geringonça. É o programma dos socialistas francezes, que reza assim:

«Abolição completa das garantias paes e revisão do estatuto.

«Nenhum culto privilegiado, assalariado ou dotado.

«Os presbyterios convertidos em escolas e habitações para os mestres.

«Abolição completa das confrarias e irmandades, e os seus bens convertidos para auxilio de agricultura, etc. etc.»

Vejam este programma os catholicos portuguezes, e esperem que elle cá ha de chegar, se não chegou já.

E ha de chegar cousa peor, porque em França já se pediu em um congresso a communa e o dinamite como unico meio de regenerar o mundo.

Nada hade escapar. O actual governo francez, em nome da *liberdade*, expulsou as irmãs de caridade de uma escola em Pariz, fundada em 1693. A mesma com-

muna respeitou esta casa; mas o actual governo não quer ver perigar a liberdade e pol-as á força no meio da rua. Viva a *liberdade!* toque o hymno da dita!

Comprimntamos os nossos collegas o *Tabor* do Rio Grande do Sul, Brazil, e o *Affonso Henriques*, de Lamego, por haverem completado o primeiro anno da sua publicação.

J. DE FREITAS.

Está de luto um dos redactores do *Progresso Catholico*, o Ex.^{mo} Snr. Dr. João de Lemos Seixas Castello Branco pela morte de seu irmão o Ex.^{mo} Snr. José Vaz de Lemos Seixas Castello Branco, fallecido ha pouco n' sua casa da Regda. e de luto está tambem a redacção do mesmo periodico, pois justo é que todos partilhemos da dôr que ora opprime o coração do maior de nossos poetas, a quem d'aqui enviamos e a toda a illustre familia os mais sentidos pezaes.

A REDACÇÃO.

BOLETIM DO MONUMENTO

PIO IX, O GRANDE

XXV

Um padrão erguido ao lançamento da primeira pedra para o monumento a Pio IX, o Grande

ILLUSTRADO secretario do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Arcebispo de Braga, Dr. Alfredo Elviro dos Santos, que acompanhou S. Ex.^a R.^{ma} a esta cidade por occasião do lançamento da primeira pedra para o monumento ao Pontifice da Immaculada, depois de retirado ao seu gabinete de estudo e impressionado ainda pelas festivaes alegrias com que um povo se associara á mais grandiosa das ideias, escreveu um opusculo, descrevendo minuciosamente as festas a que Guimarães assistira nos dias 17 e 18 de Junho do anno corrente.

O notavel trabalho a que nos referimos tem por titulo:

Monumento a Pio IX—Visita do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. D. João Chrisostomo de Amorim Pessoa, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas etc

etc. a cidade de Guimarães por occasião do lançamento da primeira pedra do monumento que se vai erigir no monte da Penha, na serra de Santa Catharina, suburbios da mesma cidade, em honra do Summo Pontífice Pio IX, por Alfredo Elviro dos Santos, Presbytero com o curso triennial theologico do Seminario Patriarchal de Santarém, Bachelarel formado em theologia pela Universidade de Coimbra, Secretario do Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, etc. etc. Braga: typographia Lusitana - 1882.

Guardariamos para outra secção d'esta revista o fallar-se d'esta obra, na esperança de que a actual Commissão nos enviasse algumas linhas ao menos como agradecimento ao autor por um trabalho que tanto honra a mesma Commissão; como, porém, não veio, julgamos com direito de, como agradecimento a S. Ex.^a, tornar publico um tal testemunho de apreço, dado às festas e à commissão que as promoveu.

Quiz S. Ex.^a tornar o seu trabalho mais completo, addicionando-lhe o hymno (letra e musica) do monumento, mas, apesar de se dirigir á Commissão por mais que uma via, não o pôde obter. Vemos aqui mais uma infelicidade das que perseguiram o hymno desde o dia da festa, do que má vontade da parte da Commissão em não o querer fazer bem conhecido. Queremos ao menos fazer-lhe essa justiça. Vem enriquecido ainda assim com a letra, com essas formosas quadras que a ideia inspirara ao nosso primeiro poeta o Ex.^{mo} Sr. Dr. João de Lemos Seixas Castello Branco.

S. Ex.^a R.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz e o monumento

Pelo opusculo de que acabamos de fallar sabemos que S. Ex.^a R.^{ma} subscreevera com a quantia de 15500 réis mensaes, durante um anno para as obras do monumento. Agradecemos a generosa offerta do nobre Metropolitano Bracarense, sentindo não o ter feito publico ha mais tempo. A tudo quanto pode concorrer para animar e mostrar que todos se empenham na obra grandiosa que se projecta, é necessario dar a maxima publicidade; a todos os serviços prestados. Só em os saber a Commissão nada se faz, e de mais, isto é uma obra que interessa a todos que para ella concorrem e por isso mesmo todos desejam saber o movimento que a tal respeito se vai operando.

Nós julgamol-o assim, e sempre que nos seja possivel, havemos dar toda a

publicidade a tudo quanto possa concorrer para mostrar que os catholicos portuguezes não cruzaram os braços ao escutar o grito de -Gloria a Pio IX!

O clero da Madeira e o monumento

E' espantosamente admiravel este movimento, esta vontade com que todos os catholicos adherem, por qualquer forma, ao protesto energico feito pela Commissão promotora do monumento. Passou já um anno e o *Progresso Catholico* em poucos numeros tem deixado de registrar rasgos de dedicação e amor pela causa da Igreja e do Papado, que é a causa da humanidade.

Hoje, que faz um anno que publicamos a Carta em que Sua Santidade abençoava a arrojada ideia do monumento a Pio IX, o Graude: é-nos grato dar aos nossos leitores e á actual Commissão encarregada dos trabalhos do monumento uma noticia altamente significativa e que attesta o amor, a fé que liga o clero portuguez á cadeira de Pedro.

O Clero da Ilha da Madeira, reunido por occasião dos exercicios espirituales, teve a feliz e christã ideia de juntar a sua voz á de todos os portuguezes que tem firmado o solemne protesto contra os desvarios da Revolução e abriram entre si uma subscrição para as obras do monumento, cujo producto se dignaram enviar-nos por intermedio de uma pessoa a quem a causa catholica muito deve. Em seguida publicamos os nomes dos subscriptores para mostrar que nem o clero nem o povo portuguez deixariam em principio uma obra que hade ser a gloria de todos aquelles que para ella concorrerem.

Subscrição para o monumento de Pio IX, feita por alguns sucervilotes da diocese da Madeira por occasião do seu retiro espiritual no Seminario da mesma diocese.

Os Ex.^{mos} e R.^{mos} Srs.:

Dr. Miguel Caetano Rodrigues, 25250 — Padre João Gomes, 500 — Padre Antonio José de Macedo, 15000 — Padre Jorge Luiz Monteiro, 15000 — Padre Manoel d'Abreu Macedo, 15000 — Padre Manoel Joaquim de Freitas, 25250 — Padre João Gaudencio de Noronha, 500 — Padre Manoel Gomes da Silva Pombo, 500 — Padre Francisco Antonio de Sá, 500 — Padre João do Espirito Santo, 300 — Padre João Antonio Marcial, 25250 — Padre Antonio Gonçalves Jardim Netto, 500 — Padre Antonio Rodrigues Diniz Henriques, 25000 — Padre Manoel Augusto de Frei-

tas, 15700 — Padre Norberto Gonçalves, 15000 — Padre João Antonio de Gaires, 25250 — Padre Manoel Nunes, 15000 — Padre Eduardo Jacintho Gonçalves, 25000 — Padre Eduardo Leça, 500 — Padre Miguel Pestana dos Reis, 500 — Padre Antonio Ayres Pacheco, 15500 — Padre José Joaquim Teixeira, 15000 — Padre João Antonio Fernandes de Souza, 25000 — Padre Henrique Modesto de Bettencourt, 15500 — Padre Santa Cruz, 500 — Padre Joaquim Xavier de Vasconcelos, 500 — O C.^o Cura Philippe José Nunes, 15000 — Padre João Augusto dos P. Souza, 15000 — Padre João de Ponte Camara, 500 — O Vigario Hippolyto de Freitas, 15200 — Vigario Antonio Pereira, 15200 — Padre João Mauricio Henriques, 15000 — O Vigario Francisco José R. d'Almada, 25250 — Padre Antonio Leandro Froes, 500 — Padre José Joaquim de Freitas, 15000 — Padre José Calisto d'Andrade, 15000 — Padre Francisco Rocha de Gouvea, 15500 — Padre Antonio José Vieira, 15000 — Padre Francisco Manoel de Souza, 25250 — Padre Francisco de Veiga, 500 — Padre Carlos Acciaioli F. de Noronha, 15500 — Dr. João Joaquim Pinto, 15000 — Padre Manoel Augusto Mendes, 600.

Somma 485800

Segunda subscrição promovida pelo «Progresso Catholico» para as obras do monumento.

Da subscrição do illustrado Clero madeirense, acima mencionada 185800
 Dos Ex.^{mos} Srs.:
 P. X. P., do Funchal 700
 Padre José Antonio Gonçalves d'Aragão, de Celorico 300
 Padre Manoel Rodrigues Branco, Parocho de Cacia, Aveiro 15000
 Ildefonso Elimaco Correia Moniz Baifreto Corte Real, de Braga 800
 Manoel Luiz Coelho da Silva, Coimbra 500
 Transporte do n.º anterior... 405670
 Somma 925770

A Redacção do «Progresso Catholico» continua, como até aqui, a receber os donativos dos seus catholicos leitores para obra tão grandiosa.

TEIXEIRA DE FREITAS.

EXPEDIENTE

Com o n.º 3 será distribuida uma folha com os nomes de todos os assignantes que tiverem pago, até essa data, a importancia de sua assignatura, servindo de recibo para todos.